

Campineiro e campinense

Chegou ao nosso conhecimento (não se sabendo até onde a procedência) que alguns intelectuais estariam pensando em desenvolver um movimento, objetivando o uso do adjetivo "campinense" em substituição ao "campineiro" para designar os nascidos nesta cidade. Sem qualquer preocupação de entrar em polêmica vernácula que já teve sua época quando da fundação da Academia Campinense de Letras, não nos sentimos no direito de ficar em silêncio, diante da hipótese de uma iniciativa dessa natureza.

Parece-nos que ambas as formas estão corretas, encontrando elas, entre os doutos da Língua Pátria, defensores que formam correntes radicais. Daí porque não colocamos nenhum reparo à denominação da Academia de Letras, como também não o fariamos, no tocante ao aparecimento de outras entidades que quisessem usar o sufixo "ense" em lugar de "eiro". Daí, porém, a querer mudar, implantar ou forçar, uma nova forma de expressão para designar os nascidos nesta terra, vai uma longa distância.

Não bastasse se assentar, em sólidas bases, na Língua Portuguesa, o adjetivo "campineiro", não é demais lembrar, que o seu uso está devidamente consagrado pelo público e que nenhuma vantagem ou conveniência nos traria uma possível mudança. Podemos, inclusive, ir um pouco além, assinalando que se a expressão "campineiro" estava correta, desde a primeira vez que foi usada, hoje mais que nunca, quando a linguagem se tornou mais simples, menos castiça, mais popular, não há como designar-se melhor os conterrâneos que através da denominação de campineiros.

Campinense não deixa de ser uma expressão bonita, embora não se possa negar ser também sofisticada e, por isso mesmo, bem colocada na Academia Campinense de Letras. Estamos na época da comunicação. Falamos hoje, ainda que devamos fazê-lo com correção, a linguagem do povo. Simples, comum, sem rodeios e nem floreios. Os tempos são outros. Já não há lugar, na oratória, por exemplo, para os discursos empolados. Na imprensa, os antigos artigos de fundo, os editoriais ricos de frases feitas, com a enxurrada de vocábulos de pouco uso e de difícil entendimento do homem comum, cederam lugar para os comentários simples, objetivos, com a predominância da linguagem do povo. Escreve-se hoje, embora já fosse recomendado ontem, a língua que o povo fala para que se possa atingir, indistintamente, homens de todas as camadas sociais. Aí, exatamente aí, reside a arte da comunicação. Mesmo o noticiário comum dos jornais, sofreu radical mudança. A literatura de ontem foi substituída pela informação objetiva. O velho nariz de cera, imprescindível na imprensa de ontem, deixou de existir para, em seu lugar, entrar o "lead" que outra coisa não é senão a síntese simples, clara e objetiva da notícia.

Por isso tudo, não vemos como possa surgir uma iniciativa capaz de pretender substituir o vocábulo "campineiro" por "campinense". Sinceramente, não acreditamos em qualquer movimento dessa natureza. Não é demais, partindo da premissa de que onde há fumaça há fogo, alertar para que no eventual aparecimento dessa idéia, morra ele logo no nascedouro.